

Negro sai e italiano entra: Formação Histórica e Cultural da Identidade do Ítalo-descendente na Antiga Caracol

Vila Caracol foi um dos nomes de Andradas, Sul de Minas, divisa com São Paulo, lugar em que analisaremos a construção da identidade do ítalo-descendente, ocorrida no encontro dos italianos com brancos brasileiros e pessoas escravizadas. *Alteridade* será o nosso conceito chave, usado para evidenciar a sustentação discursiva do trabalho e da economia como elementos de autoafirmação de grupo. Esse ‘Eu Imigrante’ foi forjado em meio a visões racistas brasileiras, oriundas do período de crise da escravidão e relacionadas à expulsão de 1500 pessoas negras, em 1900. A brusca implantação de um sistema produtivo completamente novo, o trabalho livre, exigia que a elite local colocasse uma pá de cal em crenças sociais sobre o trabalho, que foram estruturantes do antigo sistema escravista. Elogiar o italiano como previdente, trabalhador e elemento de progresso e, ao mesmo tempo, marcar as pessoas negras com o estigma de ‘não gostar de trabalhar’, foi a fórmula simbolicamente violenta (BORDIEU, 1989), encontrada pela elite branca, para expulsar o negro e para romper com o Modo de Produção Escravista. Tais elementos discursivos foram abraçados pelo italiano, reforçados em sua religiosidade católica e opostos até mesmo à imagem do fazendeiro, antigo senhor de escravos, perdulário e endividado.

Palavras-chave: imigração italiana, Minas Gerais, alteridade, escravidão, trabalho, cafeeicultura.

Introdução:

A História do Imigrante italiano na Antiga Vila Caracol precisa ser contextualizada nos cenários da abolição e do pós-escravidão, contextos que pautaram a aculturação¹ de contingentes étnicos de maioria veneta (não exclusiva), que se afixaram aos pés da Serra Caracol, no Vale do Jagari-Mirim², parte integrante do Planalto de Poços de Caldas. A assinatura cultural dos ítalo-descendentes dessas paragens é idêntica à de todas as áreas do país em que houve imigração italiana: os discursos de valorização do trabalho e da economia, que deveriam se opor ao aviltamento do trabalho como coisa de “escravo”, de “servo”, de gente inferior. O que muda? O seu encontro, ou melhor, o seu desencontro com pessoas libertas da escravidão e a forma como foram recebidos pela elite proprietária local: como exemplos de trabalhador a ser emulado, o novo tipo socialmente desejado, e como o mercado para a venda parcelada de suas terras, para além de mão-de-

¹ Estamos usando, aqui, o sentido de aculturação de Alfredo Bosi, em seu livro *Dialética da Colonização*. O termo designa as mudanças que podem acontecer numa sociedade diante de seu contato e interação com elementos culturais externos, de outra sociedade, o que pode ocorrer em diferentes períodos históricos, na forma de um processo não exatamente linear e homogêneo. Bosi vai além dos elementos classicamente apontados como promotores de mudanças culturais nos contatos: a dominação política, militar e territorial. Trabalha na perspectiva de que o grupo dominante também sofre influências do grupo dominado, mostrando que tal processo é dialético e se dá numa via de mão dupla.

² Rio que nasce do Morro do Serrote em Ibityúra de Minas/MG, corta o território de Andradas/MG e escorre para os territórios dos municípios de fronteira do Estado de São Paulo.

obra disciplinada. Essas circunstâncias afastaram o italiano de tratamentos similares ao das pessoas negras escravizadas, de que temos notícias em outras partes do país, e o aproximaram do *status* que o branco ainda gozava, no recém “mundo livre”.

Finda a escravidão, a situação teve que se inverter radicalmente, quase a fórceps: era necessário ‘parir’ uma nova cultura, na qual o trabalho fosse um valor positivo. O elogio do trabalho e da economia, ao mesmo tempo em que foi material de construção da identidade do imigrante italiano, e descendentes, serviu de justificativa para a exclusão e expulsão de 1500 pessoas negras, no ano de 1900, antes de 1888 sujeitas à escravidão, o que trataremos mais adiante.

Os conceitos de alteridade, aculturação e a oposição entre as éticas das figuras do “aventureiro” e do “trabalhador”, discutidas em *Raízes do Brasil* por Sérgio Buarque de Holanda (HOLANDA, 1995), serão algumas de nossas ferramentas epistemológicas.

Os materiais - as entrevistas orais e documentos de época - foram coletados durante uma pesquisa de mestrado defendida em 2009 (ROVARON, 2009) e outra, realizada para o *Circulo Italiano di Andradas*, entre 2017 e 2018, que será publicada.

O método básico de análise e exposição consiste na conjunção dos seguintes procedimentos: reprodução, discussão e comparação dos discursos, primeiro dos brasileiros no momento em que o imigrante estava chegando (a construção do italiano, pelo brasileiro, como o outro que chega), depois da tradição oral de descendentes de imigrantes. Infelizmente nos falta a fala dos sujeitos libertos da escravidão, ou de seus descendentes, porque ela foi silenciada com a expulsão em massa desse grupo em 1900.

Questões espinhosas, delicadas e desconfortáveis:

Os italianos tiveram um breve contato com pessoas que foram escravizadas, na antiga Vila Caracol. Quando o número de italianos começou a aumentar na localidade, entre o final do século XIX e começo do século XX, pessoas negras constituíam, ainda, parcela da população e faziam parte do contexto. O acervo digital do *Circolo Italaino di Andradas* conta com quatro passaportes italianos do ano de 1888, ano da Lei Áurea. Além desses, conta com dez da década de 1890. Os demais são do século XX. Mostram uma imigração sincronizada com o fim da escravidão e desdobramentos. Um dos de 1888, da família Basso, precede em dois meses a promulgação da Lei Áurea. No entanto, há um

quase silêncio em relação ao negro na tradição oral dos descendentes de italianos, que certamente por si só já é um texto, um dado à espera de leitura³.

De qualquer forma, o caso de Andradas permite-nos discutir um assunto dolorido para os brasileiros, até pouco tempo tratado com os paliativos da omissão, da “*cordialidade brasileira*” (HOLANDA, 1995)⁴ ou do “*mito da democracia racial*” (FREIRE, 2003)⁵, que tiveram efeitos analgésico para as feridas deixadas em nossas estruturas socioculturais pela escravidão, pela ausência de políticas públicas de inclusão socioeconômica do negro liberto, pós 1888, e pela defesa da imigração europeia, baseada na ideia de ‘branqueamento da raça’, durante o Brasil Império e a Primeira República (SCHWARCZ, 1993).

Em especial, o “*mito da democracia racial*”, serviu para sustentar que a ilusão de uma cultura brasileira pacífica, de que ela amorteceu os conflitos por meio da miscigenação e da cordialidade, de que não houve violências, de uma História do Brasil idílica. Seu caráter ideológico, que já foi uma crença bastante difundida, está cada vez mais evidente: nos últimos tempos, temos visto o mito ruir em falas racistas emergidas das sobras, as vezes de forma indireta, como na paráfrase do discurso nazista de Goebbels, feita pelo ex-secretário de cultura Roberto Alvin, neste ano de 2020. Essas ideias, mais estritamente ligadas ao conceito de eugenia⁶, aparentam-se com as que embasaram a defesa de uma miscigenação controlada: o ‘branqueamento da raça’ por meio da imigração europeia (Séculos XIX – XX). O italiano, involuntariamente, foi um dos personagens dessa História, trazido para o Brasil por força dessas ideias.

³ De todas as entrevistas apenas duas citam o negro e a escravidão: a de Goca Risso e a de José Rovaron sobrinho.

⁴ A ideia de *cordialidade* da cultura brasileira liga-se ao conceito de “homem cordial”, sistematizado por Sérgio Buarque de Holanda no célebre ensaio sobre de nosso país, *Raízes do Brasil*, publicado em 1933. O conceito indica a hospitalidade e generosidade como “*um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece viva e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano*”. Mas, Holanda também busca mostrar o lado negativo desse caráter: primeiro a sua passionalidade, lembrando que *cordial* vem da palavra latina *cor* – coração - e suas derivações. O que vem do coração, vem tanto para o “bem” quanto para o “mal”. Depois, falando do contexto rural e familiar em que a cordialidade se forma, busca mostrar como essa característica cultural brasileiras promove uma confusão entre o público e o privado: a tendência de tratar o público como privado. HOLANDA, Sérgio Buarque de. O Homem Cordial, In: *Raízes do Brasil*. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

⁵ A ideia de *democracia racial* é apontada, hoje, como ideológica, por escamotear as violências e conflitos, que foram inerentes ao processo miscigenação entre o branco português, o negro e o índio. Ela foi sistematizada, e ganhou corpo e força, na obra de historiador e sociólogo Gilberto Freyre, *Casa-Grande & Senzala*, publicada em 1933. A essa ideia liga-se a de harmonia social. Podemos a encontrar no prefácio, escrito por Gilberto Freyre, consultável na 48ª reedição, de 2003..

⁶ Nesse particular lembramos as falas de Goubineau, no século XIX, e suas visitas diplomáticas ao Brasil.

Tão longe e tão perto, em 1911, na época em que os imigrantes ainda chegavam à Vila Caracol, João Batista Lacerda, então diretor do Museu Nacional – sediado na Capital Federal do Rio de Janeiro - apresentou a teoria do “branqueamento da raça” no *I Congresso Universal Racial*, em Londres, defendendo que a superioridade das características genéticas da “raça branca” tendia a suprimir os aspectos primitivos da genética de outras raças (SOUZA & SANTOS, 2012)⁷. Essas ideias foram sustentadas com a criação dos conceitos de atavismo e seleção sexual.

Na época, esse discurso, pretendido como científico, impregnava as mentes das elites em todas as escalas brasileiras, federal e regionais. Muitos dos contemporâneos possuíam convicção e crença consolidada nelas, razão pela qual é difícil sustentar que, absolutamente todos que as adotaram, estavam conscientes de sua função ideológica, que o fizeram de forma fria, calculada e premeditada, maquiavélica.

Qual a relação do ítalo-descendente com essa história? Antes de tudo, ele é um brasileiro, com influências culturais de seus ancestrais italianos, mas crescido no espaço cultural brasileiro e, depois, ele – em maioria, mas, não exclusivamente- é um branco. Acreditamos não ser possível negar que esse contexto histórico, que nos legou a traumática exclusão do negro e acolhimento do imigrante europeu, esteve ligado à formação da cultura do ítalo-descendente de Andradas, hoje ‘misturado’, miscigenado, mas ainda aferrado ao discurso de ancestralidade italiana.

Ao longo desse artigo, o leitor perceberá que nosso objetivo não é apontar vítimas e carrascos, mas apenas de evidenciar sincronidades entre o processo de acomodação cultural do imigrante italiano e esse contexto histórico, ao qual seria integrado. Consideramos uma discussão tão desconfortável quanto necessária. É preciso trazer à consciência a história de algumas feridas sociais, que latejam sem identificarmos a causa.

A moral do trabalho: necessidade dos novos tempos.

Assim versa o artigo primeiro da constituição italiana, de 1947: “*A Itália é uma República Democrática, baseada no trabalho. A soberania pertence ao povo, que a exerce nas formas e nos limites da Constituição*”⁸.

⁷ Trata-se de uma publicação promovida pelo Museu Emílio Goeldi no periódico *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas*. A fala original de Lacerda pode ser encontrada no Arquivo Nacional ou na Biblioteca Nacional.

⁸ Tradução nossa, aproximada. Grifo nosso.

Acreditamos que a palavra trabalho, neste texto, aproxima-se da categoria *labor*, utilizada por Hannah Arendt para analisar as nuances do termo no contexto da antiguidade latina (cidade de Roma e entornos): *labor* seria o trabalho enquanto esforço físico, fatigante e persistente⁹. O *trabalho laboral* como um valor social positivo é marcado já no primeiro artigo da Constituição da Itália, cunhando o que se tornou elemento de identidade italiana. Esse documento pode ser considerado como uma continuação do processo histórico iniciado na unificação italiana do século XIX, conduzido a partir de Turim, e que desde o seu início buscou ‘modernizar’ o fragmentado território da península itálica e o ‘formatar’ à ordem econômica capitalista, o que significou, dentre outras coisas, atacar as estruturas sociais medievais ainda existentes, como a ideia de que ‘ser nobre’ é não trabalhar e ‘ser servo’ é o contrário, portanto, trabalhar com as próprias mãos inferioriza. Essas nuances, de certa forma, podem ser percebidas na obra o *Gato Pardo*, que, apesar de literária, ambienta bem os acontecimentos do processo de unificação italiana, ambientados por meio das mudanças ocorridas no interior de uma família nobre da Sicília. (TOMASI DI LAEDUSA, 2017). Para modernizar a Itália, era necessário um novo *ethos*: o do trabalho livre e assalariado, o trabalho como um valor. Quando ocorreu a grande emigração da Itália, ela já era um estado-nação unificado sob essa bandeira.

No Brasil, de forma não idêntica, mas parecida, para acabar com o modo de produção escravista, era necessário transmutar o trabalho de antivalor/desvalor em valor social, era necessário achar uma pedra filosofal para operar esse milagre: mudar a cultura de forma rápida.

Com base num livro de catecismo, em italiano, publicado em fins do século XIX e começo do XX, pertencente à família Muterlli¹⁰, suspeitamos que parte dessa pedra filosofal foi o espaço religioso. Nada mais poderoso para condicionar comportamentos social e politicamente desejados do que a fé. Apesar de, aqui, essa suspeita ser apenas tangenciada, como hipótese e questão subsidiária ao foco principal, com certeza daria um bom projeto de pesquisa. Caberia uma análise crítica sobre essa produção.

A outra parte dessa pedra filosofal foi o discurso dos artigos de jornais locais, feitos por brasileiros, elogiando a laboriosidade da colônia italiana como elemento de progresso na localidade.

⁹ Essa discussão ganha contornos e reflexões bem interessantes nas análises de Hannah Arendt em “A condição humana”. Segue o link de acesso à obra https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1130009/mod_resource/content/1/A%20condi%C3%A7%C3%A3o%20humana-%20Hannah%20Arendt.pdf

¹⁰ Acervo digital do Circolo Itliano di Andradadas-MG.

Por hora, nos limitamos a afirmar que, tanto no Estado Brasileiro, como no Italiano, em algum momento houve a oposição entre um ‘eu’, que diz que o trabalho avilta que o ócio eleva, e o surgimento de um novo ‘outro’, que diz que o trabalho eleva e o ócio avilta: o nobre e o servo, o senhor e o escravo. A internalização do trabalho e da economia como valores positivos era necessária para a criação de um exército de assalariados, capazes de consumir. Obvio que esse não foi um processo consciente. Mais uma vez, chamamos a atenção a importância da obra *A Condição Humana*, de Arendt, que de certa forma embasa essa reflexão e permite aprofundamentos (ARENDR, 2007).

O Brasil tornou-se um estado nação antes da Itália, mas começou a se converter na sociedade de consumo atual, que também possui mecanismos exclusão, um pouco depois. Basta observar o grande contingente de italianos que foram obrigados a deixar Itália, no final do século XIX, por conta da mecanização no campo, para entender tal exclusão. O pobre italiano, faminto, expulso do campo, tornou-se o indesejado no espaço urbano, que emigraria para as Américas. A emigração aliviou a ‘dor de cabeça’ do governo italiano, até que os braços comesçassem a fazer falta, no começo do século XX.

E no Brasil? Em várias partes do território a etiqueta de vadio foi colada à cor da pele da população outrora escravizada, após a abolição. Assim como o italiano, expulso do campo pela modernização, tornou-se o indesejável em seu país, o problema social no espaço urbano, o tornou-se o indesejável no Brasil. Se o italiano pobre e sem emprego foi expelido da Itália para às Américas, o negro, no geral, foi afastado das funções economicamente mais vantajosas, com a justificativa de ser ‘inadequado’ e da necessidade de branquear a raça. Obviamente que toda regra é feita de exceções, como demonstra historiografia mais recente, mas a exceção não invalida a tônica feral¹¹.

Alteridade – trabalhadores e aventureiros:

Em latim, a palavra *alteritas* significa ‘outro’, o ‘diferente’. O ‘outro’ têm fundamental importância quando se fala de identidade, porque é a partir do ‘outro’, do ‘diferente’, que o ‘eu’ constrói-se. No caso, trata-se de um eu coletivo: a comunidade de ítalo-descendentes de Andradas. Portanto, nossa questão fundamental é a pergunta: o que afirmam ser os ítalo-descentes de Andradas? A única coisa de que podemos nos ocupar é dessa sombra projetada na parede da caverna. De *alteritas* derivou o conceito de

¹¹ Um exemplo de bibliografia, já extensa a respeito, é o resumo FAPESP do link que segue: <<<https://revistapesquisa.fapesp.br/a-intelectualidade-negra-do-imperio/>>>.

alteridade, que pode significar o estudo da diferença, o estudo do outro, do que é diferente de mim, de nós, o estudo da diversidade cultural. Um dos primeiros a usá-lo, como ferramenta de estudos, foi o linguista Tvetan Todorov. Hoje ele é empregado por sociólogos e antropólogos em suas pesquisas e, agora, estamos o usando para falar de um nós: ítalo-descendentes.

O estudo da alteridade trata-se, também, do estudo do ‘eu’ e do ‘nós’, da tomada de conhecimento de si mesmo, ou de nós mesmos, no jogo de comparações entre o ‘eu’ e o ‘outro’ entre ‘nós’ e os ‘outros’: ‘eu’ construo a minha identidade, a minha individualidade, na medida em que me comparo com o ‘outro’ e em na forma como me afirmo ser diferente dele. Poderíamos tentar explicar a palavra, ainda, como o tomar posse e consciência do que ‘eu sou’, do que ‘eu quero ser’ ou da ‘forma como quero ser visto’, em contraposição ou em relação ao ‘outro’: eu sou o que o outro não é, porque ele é diferente de mim, na maior parte das vezes, negativamente, porque eu preciso me auto afirmar melhor que ele. Mas, pode ser que eu me veja como inferior, ou de que seja convencido de que sou inferior e que eu adote o outro como modelo a ser copiado. Trata-se uma máscara que acaba colando-se ao rosto. O conceito *alteridade* é privilegiado para discutir a rearticulação das identidades nas diásporas, nações de culturas nacionais deslocadas e comunidades reconstruídas em territórios estrangeiros (HALL, 2006).

Como exemplos, na antiga Caracol, temos três personagens coletivos que colaboram mutuamente na construção de suas imagens, ou identidades, nas relações de uns com os outros: o Negro (ex-escravo), o Branco (elite brasileira branca e proprietária) e o Italiano (vindo, em sua maioria, das fazendas de café de São Paulo). Encontramos um espaço curioso para observar a interação desses três personagens: a ‘venda’ do começo do século XX, presente narrativa de Seu Zizico Rovaron¹², do bairro rural do Óleo¹³:

Zizico: Us antigu contava que tinha um fazendero, que era dono de tuda essa terra, dessa serra ai atrais, até perto du Gavião¹⁴: terra du Mato Frio, du Vengalá e du Portugueis. Chamava Osório de Lima. O Osório era homi cheiu dus *fredeerico*, du *faz-me rir*¹⁵. Ele era casado com a Dona Catoca Vallin. Era três irmã Vallin: Catoca, Caruta e Zala, todas fia da antiga Titia¹⁶. Diz que

¹² José Rovaron Sobrinho, avô do autor do texto.

¹³ Essa narrativa trata-se de uma coleta de tradição oral, transcrita e parte do acervo particular de Carlos Eduardo Rovaron, neto do entrevistado. Ela fez parte das experiências feitas com história oral, no ano de 2005, baseadas no livro *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*, de Ecléa Bosi. Nesse ano estava em desenvolvimento a pesquisa da dissertação de mestrado intitulada *Ocupação da região da caldeira Vulcânica de Poços de Caldas - MG (Séc. XVIII-XX)*, defendida na USP, em 2009 (ROVARON, 2009).

¹⁵ “Frederico” e “faze-me rir” são expressões locais que significam dinheiro.

¹⁶ Apesar do tom quase de conto, por causa das reduções dos nomes, dos apelidos e da oralidade, esses personagens constam em estudos genealógicos e de fato existiram. Catoca Vallim, por exemplo, era o

esses Vallim era família nobre, que veio da França. Aqui no Óleo eles casava cum us Mello, cum us Tiodoro, cum us Lima, tudu gente de muita terra i donu di escravu, até acabá u tempu dus iscravu.

Nesse tempu o Óleo era movimentado, tina até farmácia, chamava botica. Descia italiano das colônia das fazenda de café, aí de cima da serra. E tinha uma venda onde vendia pursão de coisa: chita, querosene, fumo, cumida. Passava ciganu, passava viajante, passava troperu e vinha tamém us italiano, até du Refúgio¹⁷.

Quando eu era menino¹⁸, um dus filhu du Osório de Lima ca Catoca, que já tava veiu, desceu a serra, veiu na venda e ascendeu o cigarro di paia cuma nota graúda de merréis, pra si exhibi¹⁹. Diz que tinha um preto veiu lá na venda, chamava Zezão, que depois de ascendê u cigarru cu dinheiru, o filho do Osório falô assim prele: - Onde tem preto, brancu num trabaia.

E deu risada, nu meu du povu que bebia pinga, tocava viola e jogava truco na venda. E diz que o preto respondeu prele assim: - Onde tem branco preto num paga.

E deu risada. Fazia pocu tempo que tinha acabadu o tempo dus iscravu. O preto não *levô em paciência*²⁰ e o brancu pagô a pinga.

Neto: - E o preto não achô ruim?

Zizico: Não, os dois era amigu, foru criadu junto na fazenda. O preto ficô bêbado nas custa do branco. Di tanto isbanjá e gastá, sem trabaiaí, o filhu du Osório de Lima ficô pobre, pobre. Como diz o ditado: **quem come sem regra morrem sem honra**²¹.

A fala revela elementos de racismo estrutural da cultura da época, que demandaria uma análise do discurso pormenorizada. Mas nos limitaremos a chamar a atenção para um elemento específico da fala: a falta de capacidade de economizar e trabalhar, atribuída ao brasileiro, ganha corpo junto com outas falas, que apontam as dívidas dos fazendeiros brasileiros como um dos fatores que possibilitaram aos italianos comprar terras (ROVARON, 2009, pp.205-2010). Em várias narrativas, como a de Seu Zizico, o brasileiro aparece como a cigarra festeira e imprevidente, da fábula de Esopo. Porém, a de seu Zizico tem o diferencial de ser uma das poucas, até o momento coletadas, em que a pessoa negra aparece. Nela há mais do que falta de capacidade de economizar do brasileiro, é perceptível o que hoje qualificamos de racismo socialmente institucionalizado, comum no começo do século XX, estrutural, como acima apontamos. Ele aparece como algo internalizado, como uma ordem natural do mundo, como um ‘sempre foi assim’, suavizado pela amizade entre o preto Zezão e o filho do Osório. A figura do filho do fazendeiro brasileiro e rico, no relato, encaixa-se ao tipo “*aventureiro*”, que Sérgio Buarque de Holanda aponta como umas das derivações culturais do processo

apelido de Silvéria Maria Vallin. Assim consta em estudo genealógico sobre essa família: “... nasceu no Bairro do Óleo. Andradas, MG. Faleceu em Andradas, MG, onde casou em 13/07/1890 com Osório José de Lima, nascido em São João da Boa Vista, SP e falecido em Andradas, MG. Era filho de Porfírio José de Lima e Lucinda Josephina Junqueira e irmão de Adolpho Osório de Lima,...” (VALLIN, [201?]).

¹⁷ Grande fazenda de café pertencente ao Coronel Ernesto de Oliveira, do lado paulista da divisa, município de São João da Boa Vista/SP.

¹⁸ Pequeno, criança.

¹⁹ Fala regional que significa mil reis, mas que era usada para falar da moeda Real em geral, cujo plural era réis.

²⁰ Expressão que significa não se importar, não dar bola, não ligar.

²¹ Grifo nosso.

de colonização exploratória portuguesa, em oposição ao “*trabalhador*”, este último ligado à colonização de povoamento. O “*trabalhador*” se define em oposição ao “*aventureiro*” e vice e versa:

Seu ideal [o do aventureiro] será **colher o fruto sem plantar a árvore**. Esse tipo humano ignora as fronteiras. No mundo tudo se apresenta a ele em generosa amplitude e, onde quer que se erija um obstáculo a seus propósitos ambiciosos, sabe transformar esse obstáculo em trampolim. Vive dos espaços ilimitados, dos projetos vastos, dos horizontes distantes.

O trabalhador, ao contrário, é aquele que enxerga primeiro a dificuldade a vencer, não o triunfo a alcançar. O esforço lento, pouco compensador e persistente, que, no entanto, mede todas as possibilidades de desperdício e sabe tirar o máximo proveito do insignificante, tem sentido bem nítido para ele. Seu campo visual é naturalmente restrito. A parte maior do que o todo.

Existe uma **ética do trabalho**, como existe uma **ética da aventura**. Assim, **o indivíduo do tipo trabalhador só atribuirá valor moral positivo às ações que sente ânimo de praticar e, inversamente, terá por imorais e detestáveis as qualidades próprias do aventureiro — audácia, imprevidência, irresponsabilidade, instabilidade, vagabundagem — tudo, enfim, quanto se relacione com a concepção espaçosa do mundo, característica desse tipo** (HOLANDA, 1995, p.44)²².

Essas visões de Sérgio Buarque de Holanda, que se aproximam de uma abordagem weberiana, são vistas com ressalvas, geram debates polêmicos e são consideradas ultrapassadas, não ignoramos, mas conjugadas às ideias de Arendt em *A Condição Humana*, são ferramentas funcionais para analisar a fala de seu Zizico Rovaron: tanto o preto Zezão como o filho do Fazendeiro, na venda, parecem encaixar-se na figura do “*aventureiro*”. Os dois se embriagam juntos. O narrador narra do ponto de vista do “*trabalhador*”, do descendente de imigrantes que condena, tacitamente, o comportamento dos personagens da narrativa. É o *labor* como valor e princípio, é a ética do trabalho e da economia operando em sua fala: “*Quem come sem regra, morre sem honra*”. Implicitamente a honra tem um fundamento patrimonial, ligado ao labor e a parcimônia. Nesse provérbio se encerra o que é honrado, a moral da história, da fábula, o que deve ser ensinado para o neto.

No universo escravista, a pessoa negra desde cedo recebia informações e ações da sociedade que lhe imprimiam uma crença interna de que era inferior. Ser superior era ser branco e não trabalhar. Essa estrutura e visão social tinha um efeito condicionante tão poderoso, que antes de findar a escravidão, houve libertos que juntaram dinheiro para comprar escravos, imitando o branco (FAORO, 1974), situação contrastada por intelectuais negros abolicionistas, que marcaram a História, nadando heroicamente contra a corrente. Quando seu Zizico Rovaron nasceu no Brasil, em 1918, fazia apenas trinta anos que a escravidão havia acabado. Descendente de imigrantes de Albetonne, Itália, casou-se com Helena de Mello Vallin, sobrinha-neta da Catoca Vallin e sobrinha neta de Osório de Lima, família de antigos senhores de escravos, neta de Caruta Vallin, filha de Zilica Vallin. No casamento de seu Zizico já é possível ver a miscigenação, a mistura com a mistura, o casamento com a descendente de uma antiga família francesa, já unida

²² A informação entre colchetes é uma inserção nossa e os grifos são nossos.

por matrimônios com a elite local. História tipicamente brasileira. Mas foi a moral imigrante, a do trabalhador, que marcou Seu Zizico, ele foi forjado desse ferro e com ele educaria filhos e netos. Trabalhadores e aventureiros se encontraram, se estranharam e se casaram. É nessa escala micro, individual e familiar, que aconteceu o processo de acomodação cultural, provavelmente não sem choques.

A cena da venda foi observada por Zizico quando era criança. Tendo em vista que ele nasceu em janeiro de 1918, o preto Zezão certamente representava uma pequena parcela de negros que não foi expulsa da Vila Caracol no ano de 1900. O texto que segue dá notícia desse episódio:

Os principais ramos da lavoura são o café, o fumo, a cana, as videiras e os cerraes (sic.)²³. Os instrumentos e os processos são os da antiga rotina – machado, foice e enxada, sem que se note tendências para reforma, adaptando-se sistemas aperfeiçoados e convenientes. As exportações são feitas para as praças de São Paulo e Santos, do Estado de São Paulo. Os preços dos gêneros alimentícios aumentam com a população do município, cujo desenvolvimento tem sido notável no último quinquênio. **Há no município grande número de trabalhadores estrangeiros, de nacionalidade italiana** em sua quase totalidade, que vencem o salário de 2\$ a 4\$ com ou sem alimentação fornecida pelos proprietários. **A emigração para fora do município nos últimos tempos, quer para outros pontos deste Estado, quer para o do São Paulo, consiste apenas de ex-escravos, cujo número estima-se em 1500, e que abandonaram esta localidade por não quererem submeter-se às justas e previdentes exigências da autoridade policial no sentido de obriga-los a empregar-se. Esse movimento, porém, cessou, com a saída da população ociosa e inútil** (ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO, 1900).

Note que o texto é usada a expressão “*ex-escravos*”, mostrando que a abolição era um episódio ainda recente e vivo na mente das pessoas. E é descrito como elemento humano descartável e não desejável: “*população ociosa e inútil*”. Trata-se de pessoas negras que não se submeteram à servidão voluntária, pós escravidão. É perfeitamente compreensível o negro se recusar a trabalhar para os brancos em 1900, apenas doze anos após a abolição da escravidão no Brasil, já que os próprios brancos brasileiros eram avessos ao trabalho braçal. Como já mencionamos anteriormente, o trabalho como um ‘anti-valor’ social, fruto da cultura escravista, com laivos de Antigo Regime – a nobreza não trabalha manualmente – e que foi implantada pelo branco português no Brasil e reproduzida pela elite luso-brasileira, mas isso sequer era cogitado pelo autor deste artigo - provavelmente branco - em 1900. Certamente lhe era impossível ter essa consciência: teorias racistas que sustentavam esse pensamento tiveram força do século XIX até 1930 (SCHWARCZ, 1993).

Já o imigrante italiano é ligado ao desenvolvimento “*notável*” do último quinquênio do ano e tacitamente apontado como bem-vindo, afinal, cobrava uma remuneração barata pelo dia do trabalho. E ainda levava a própria comida! Apenas doze anos depois da escravidão tudo estava mudado, o espírito “*aventureiro*”, do colonizador português, tinha que ser banido. Esse artigo marca negativamente o “*ex-escravo*” com o ferro em brasa dos novos tempos, o estigma do vadio,

²³ Madeira.

do ocioso e inútil e, do vagabundo, para usar o termo mais vulgar. Isso está presente nas estrelinhas da frase “*por não quererem submeter-se às justas e previdentes exigências da autoridade policial no sentido de obriga-los a empregar-se*”. E vejam, para falar da saída, usam a expressão “*...que abandonaram a localidade...*” e não que foram expulsos pela polícia. Temos notícia do uso do termo vadio em alguns outros documentos do município relacionados ao episódio, neste, um artigo corográfico, tudo é sutilmente maquiado.

O italiano é o herói, ele é o “*trabalhador*” dos tempos livres. Ele, que substituiu os negros, foi glorificado num artigo de 1927 e, praticamente convidado para participar da vida e administração pública:

Na primeira década do século XX, o jornalista brasileiro Fábio Pereira trabalhava para o jornal *A Defesa*, um dos jornais da cidade do Caracol – antigo nome de Andradadas. No dia 22 de julho de 1917, publicou um artigo intitulado *Honra ao Mérito*, em que apresenta a colônia italiana como trabalhadora, empreendedora e promotora de riqueza e prosperidade na localidade. Apenas dezessete anos após a expulsão dos “*ex-escravos*”, os italianos de antiga Caracol já não eram mais somente uma mão de obra que pagava sua própria comida, tornaram-se proprietários. A sua riqueza é descrita como furto de seu mérito: o seu trabalho.

É, sem dúvida, predominante neste município, a colônia italiana. Em todos os ramos que constituem a nossa atividade coletiva e pública, tem a **laboriosa colônia italiana**, de Caracol, os seus representantes.

A nossa lavoura agrícola tem nesse **elemento de progresso e de riqueza** a causa única do seu aumento sempre crescente. O incremento que as nossas fazendas têm tomado ultimamente, [...]procurando resultados satisfatórios aos seus esforços e às **suas energias dispendidas, cultivando e valorizando imensamente essas propriedades agrícolas, permite aos seus proprietários resultados positivos, risinhos e benfazejos.**

Essa pacata e preciosa colônia italiana, aqui domiciliada, conta no seu seio também muitos proprietários e fazendeiros, produzindo **frutos salutareis que são produtos dos seus esforços sobre humanos e da sua constância eficaz e produtiva no trabalho.** [...] **Não é admissível que um elemento numeroso e precioso, como este, seja deixado à margem, quando o maior incremento da riqueza existente e que muito leva aos cofres públicos lhe é devido, permitindo-lhes regalias de direito e que podem ser exigidas, porque não é permitido, antes tornar-se censurável, que um elemento assim, seja acintosamente e por capricho de nacionalidade, afastado dos negócios públicos do lugar**²⁴.

Este artigo, escrito por um jornalista brasileiro da localidade, é um elogio dado ao italiano, do título - *Honra ao Mérito* - até o último ponto final. Os trechos em negrito e sublinhados enaltecem os comportamentos desejáveis, presentes nessa comunidade, as duas expressões que seguem sintetizam bem quais são: “*laboriosa colônia*”, “*constância eficaz e produtiva no trabalho*”. Esses desabridos elogios colocam a comunidade como modelo de comportamento a

²⁴ PREREIRA, Fábio. **Honra ao mérito**. Jornal *A Defesa*. Ano I – No 7 – Caracol, 22 de julho de 1917.

ser copiado, emulado. Há certo tom pedagógico no artigo: o trabalho é o verdadeiro caminho da riqueza e da prosperidade. Mais do que elogiar, o artigo acolhe a comunidade entusiasticamente, buscando integrá-la, inclusive, à administração local. Trata-se de uma interação com o outro, extremamente receptiva, muito diferente da que houve com os negros libertos após a abolição.

Praticamente todas as entrevistas do acervo audiovisual do *Circolo Italiano di Andradas*, coletas da tradição oral entre 2017 e 2018, reproduzem exaustivamente quatro elementos da identidade ítalo-descentes da localidade: 1 - a penúria e escassez na Itália; 2 - o trabalho como um valor sagrado; 3 - a superação dos obstáculos por meio do trabalho; 4 - o ímpeto por prosperar, para afastar de uma vez por todas as penúrias do passado. Esses discursos apontam para a formatação de um perfil proativo, empreendedor, motivado pelo medo da falta e da miséria. É nesse ponto que entra a economia e que se liga a união da família em torno do trabalho. Na zona rural isso ainda se faz presente nas produções de pequenas propriedades por mão de obra familiar. À guisa de exemplo das falas do acervo do *Circolo*, seguem reproduzidas algumas falas:

Falas dos Senhor Eugênio de Oliveira Ansani e de sua filha, Elvira Ansani, entrevistados no dia 07/05/2018:

Pesquisador: A Dona Ana Sasseron estava falando da questão da divisão da cidade, que para cima da igreja era onde o pessoal italiano se estabeleceu, quando veio morar na cidade.

Elvira Ansani: Foi mesmo.

Pesquisador: E pra baixo da igreja, é o pessoal mais antigo, né, um pouco.

Elvira Ansani: Olha!

Pesquisador: E agora, pelo que eu estou vendo, onde é o Sete de Setembro²⁵ também tinha bastante italiano, né?

Elvira Ansani: Tinha, porque eles começaram ali.

Eugenio de Oliveira Ansani: A colônia italiana aqui é enorme. É coisa louca, viu! É por isso que Andradas cresceu muito, melhorou muito, cada um, cada família... até hoje tem muitas famílias que eles mesmos é quem cuidam das terras, não tem meeiro, os filhos, os netos, né? Os bisnetos.

Nessa fala do Senhor Eugênio de Oliveira Ansani, 98 anos, é possível perceber impressa, na memória, a ligação da colônia italiana como elemento de progresso. A fala de Dona Júlia Betella Furlan, que segue, revela um espaço urbano pequeno e pouco desenvolvido e a história de como os pais conseguiram vencer a pobreza e comprar terras, por meio do trabalho familiar:

Dona Júlia Betella: (...) O meu pai e minha mãe, eles vieram da Itália. Meu pai tinha dezoito anos, mas ele ficou na Argentina. Mas num vieram junto, minha mãe era outra, mas meio que eles se conhecia. Ela veio, era sete anos.

Pesquisador: Como chamava seu pai?

Dona Júlia Betella: Meu pai chamava José Betella.

²⁵ Sete de Setembro é um bairro urbano de Andradas.

Pesquisador: José Betella? Ele veio com 18 anos da Itália?

Dona Júlia Betella: É. Ele veio [da Argentina] e ele... já veio e já ficô aqui em Andradadas. E minha mãe veio com sete anos, ela foi criada aqui. Quando ele veio, eles se conhecero aqui e casaro aqui. Mas todos os dois muito pobre. A minha mãe foi até criada com mãe adotiva. Eles era muito pobre.

Pesquisador: E você sabe a região de onde eles vieram, lá da Itália?

Eles viero da Itália lá de Bresser.

Bresser?

Dona Júlia Betella: É. E vieru nu navio Candestrino, falava naquela época. [...]

Dona Júlia Betella: E aí, eles foram morar lá nos Olivera, lá nos Olivera, us antigo lá, Omar Olivera, foi morar na roça. [...]

Dona Júlia Betella: E chegô aqui, meu pai trabalhava na roça, né? Uns tempu, né? Não sei quanto tempo, eu num lembro. Aí, depois ele comprô uma carroça e ele comprô uma chacinha aqui, que hoje é a Vila Betella. Mas era um pedaço até pequeno, né Luís, você conhece. E ele foi morar lá. E lá minha mãe teve quatorze filho, tudo na mema casa. E casaro e sairo de lá tudo casado [...] lá naquela chácara. E ele plantou parreira.

Em outro trecho da narrativa, Dona Júlia dá ênfase na constância do trabalho em família, até seu pais conseguirem adquirir um pedaço de terra e uma carroça, para ir buscar - na estação da Companhia de Estradas de Ferro Mogiana, em Espírito Santo do Pinhal - as mercadorias vindas de São Paulo, e de que o comércio de Andradadas carecia:

Dona Júlia: Dona Júlia: É. O meu pai ia buscá cum a carroça, ai chovia muito aquela época, dava enchente e, as veis, num podia nem passá, porque num tinha ponte, era pinguela pra passá daqui pra Pinhar, naquela época. E ele trazia mercaduria, nas venda aqui: o Berto Cassetari, tinha o João Nhola, o Berto Nhola, naquela época. Tinha, acho, que só quatro venda. O resto, não tinha nada aqui. Casa tamém muito poca. A igreja era de tábuas. E tinha muito poca coisa. [...]

[...] Aí, ele fazia transporte de lá pra cá, de Pinhar pra cá. E depois ai, ele foi trabalhano, os filho trabalhano, ele comprou uma chacinha lá perto da Sovis, lá da Igrejinha de Cipriana, lá, e plantô café, mas pedaço pequeno. E a chacinha alí, ficamo ali. Cresceu tudo alíe já morreu todos. Só ficou eu de resto, eu sou a urtima. E ele, quando ele num podia mais trabalhá com a carroça, os filho que tocava o cafezinho, que tocava a parrera, ele vendia o vinho, né? Tinha a adeguinha dele lá, na casa, perto da casa, que tá la até hoje a casa. Ele vendia o vinho pra... esqueci o nome... vendeu tamém pro Pagani, vendeu primeiro... até meio parente dos Basso, aí, esqueci o nome... E o Pagani começou a comprar o vinho dele.

Ai ele ficava só em casa. Meu pai ficô mais velho e os filho toco, né o que era preciso. Ai, Graças à Deus, cada um deles casaro, cada um foro na sua casinha e toco a vida tudo aqui em Andradadas. Eu num recramo de Andradadas de jeito nenhum. (Risos). Eu sô a urtima, tamém, **meu pai trabalhou, mas ele honró o nome dele, porque ele era muito trabalhador, muito honesto e dexô tudo us filho, tudo encaminhado.** Né? Ucé conhece, né Luiz? Todo eles.

A primeira coisa em torno da qual a colônia de italianos, e descendentes, se uniu, assim que seus integrantes adquiriram propriedades e fincaram raízes, foi a construção de uma nova igreja para o orago da Vila Caracol, São Sebastião. A pequena igreja de chão de tábuas, mencionada por dona Júlia, foi demolida, para em seu lugar ser construída a atual matriz, Fernanda Fossa conta que seu avô italiano, Ângelo Fossa - vindo da comuna de Suzzara, no anos de 1888 – assim como opai de Dona Júlia, havia se tornado

carroceiro, e trazido de Espírito Santo do Pinhal os tijolos necessários para construir a escadaria. Cada um doava o que podia, dinheiro, materiais de construção ou o próprio trabalho. Sobre esse episódio, nos dá notícia Zenaide Stivanin, ao narrar sobre seu avô Giuseppe Stivanin, que em 1895 juntou-se a família vinda para o Brasil 1893, todos saídos de Torri di Quatesolo, na Itália:

Pesquisador: Mas eles eram pedreiros de construir casa mesmo ou eles eram aqueles uns que sabiam cortar pedra?

Zenaide Stivanin Galhardo: Não, não, de construção. Tanto, que o meu avô, enquanto ele ficou na Itália, esses dois anos, ele fez curso de desenho arquitetônico. Ele tem o curso de... Diziam os meus tios, a gente não chegou a pegar... que esse pilares e os arcos da Igreja Matriz, que o Padre Mariano Garzo, que foi o construtor, ele ia lá no sítio para o meu avô explicar como que fazia, porque o meu avô já era doente, ele não podia vir para a cidade, então o meu avô ajudou na construção...

Pesquisador: Então o seu avô ajudou a projetar a Igreja de Andradadas?

Zenaide Stivanin Galhardo: É. A parte técnica, né? E de desenho também, porque ele tinha tudo guardado.

Pesquisador: Pelo que a gente sabe, essa Igreja ai, teve mão da comunidade de imigrantes italianos toda, né?

Zenaide Stivanin Galhardo: Teve, porque foi feita em sistema de mutirão, né? Então... a mão de obra mais a capacidade de quem já tinha prática.

No começo do século XX a religiosidade católica, junto com o trabalho honrado e a economia, ajudou a formar a identidade local. Acreditamos que a religião ajudou a reforçar o trabalho como um valor com base na fonte histórica citada no início desse artigo: um livro de catecismo em italiano, da família Mutterlle, desembarcada no Brasil, em 1896, que parece ter sido impresso em São Paulo, sem data. Trata-se de um documento único, cuja uma breve e rápida leitura mostra uma formação religiosa em que o trabalho é colocado como um valor do bom e fiel católico, entre outras recomendações morais.

A religiosidade realmente é um universo privilegiado para observar o sincretismo cultural. Um exemplo é a festa dos santos da igreja do bairro rural do Óleo, onde nasceu seu Zizico Rovaron. Apesar da festa ser de São Sebastião e Nossa Senhora de Aparecida, os dois oragos da capela, durante a procissão São Benedito tem que sair na frente, porque, do contrário, tudo dá errado, é má sorte certa, diz o povo. E assim canta o verso de viola: “*Aroeira de São Benedito e Roseira de Nossa Senhora*”. Aroeira é árvore ligada a Exu, divindade de cultos afrodescendentes. Neles, primeiro você agradece a essa divindade mensageira e depois é que se dá seguimento a todos os demais rituais. Esse verso revela uma ligação camuflada entre a divindade Exu e São Benedito, provavelmente oriunda dos tempos da escravidão.

Não sabiam os italianos e descendentes, assim como não sabe o povo hoje, que, ao receber e aceitar a rosa do festeiro, no fim da festa, estava-se obrigando a reproduzir uma

prática de origem étnica afrodescendente, sincretizada ao catolicismo brasileiro, colocando São Benedito na frente, santo que, junto com Nossa Senhora do Rosário, foi padroeiro das igrejas e irmandades de escravos negros, durante o Brasil Colônia e o Brasil Império. No ano seguinte, depois de ter feito a festa, esse italiano ou descendente é que passaria a tradição adiante, entregando a rosa para aquele que seria o novo festeiro.

Por fim, a identidade ítalo-descendente local, é eivada de elementos que compõem o caldo cultural brasileiro.

BIBLIOGRAFIA:

- ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. Trad. Roberto Raposo. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO. Município de Caracol. IN: *Chorographia Mineira*. Imprensa oficial de Minas Gerais. Belo Horizonte, 1900 – p.151. Cópias desse material existem na Câmara Municipal de Andradas.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 1ª ed. T.A. Querosz, Editor, LTDA: São Paulo-SP, 1979.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Trad. Fernando Thomaz. DIFEL: Difusão Editorial, Ltda: Lisboa, 1989.
- FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.
- FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira da economia patriarcal*. 48ª ed. São Paulo: Global, 2003.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva & Guacira Lopes Louro. 11ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- VALLIN, Abner Lacrimanti. *Pequena Genealogia da Família Vallin*. [São João da Boa Vista/S]: [s.n], [201?].
- SOUZA, Vanderlei Sebastião de; SANTOS, Ricardo Ventura. *O Congresso Universal de Raças, Londres, 1911: contextos, temas e debates*. In: MUSEU EMÍLIO GOELDI. Brasil, Pará. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: ciências Humanas. v. 7, n. 3. Museu Emílio Goeldi: Belém/PA, p. 745-760, set.-dez. 2012.
- ROVARON, Carlos Eduardo. *Ocupação da região da Caldeira Vulcânica de Poços de Caldas - MG (Séc. XVIII-XX)*. São Paulo: 2009. Dissertação (Mestrado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- TOMASI DI LAEDUSA, Giuseppe. *O Leopardo*. Trad. e prefácio de Maurício Santana Dias. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.